

Avenida Júlio / Ponto de vendas

Paraíso dos ambulantes

Vendedores ilegais ganham a vida nas calçadas da via

GRAZIELA ANDREATTA
Especial/Pioneiro

O trecho da Avenida Júlio de Castilhos que vai da Praça Dante Alighieri até a Rua Marechal Floriano se transformou em um verdadeiro paraíso do comércio ambulante. São pessoas de várias idades e dos mais diferentes lugares que escolheram esse local para ganhar a vida. Elas vendem alimentos, chaveiros, utensílios e brinquedos. Muitas delas, na ilegalidade.

O aposentado Luiz da Cas, 68 anos, comercializa algodão-doce e balões há 25 anos. A renda mensal de R\$ 300 que ele consegue como ambulante é seu estímulo para caminhar o dia inteiro, de um lado para o outro da avenida, oferecendo seus produtos. "Me aposentei com dois salários mínimos e tenho seis filhos para sustentar, um deles doente. Se

eu não fizer isso, morremos de fome", relata. Cas já perdeu a conta de quantas vezes os fiscais da prefeitura mandaram ele se retirar do Centro. Mas, se vê obrigado



Pessoas de todas as idades driblam fiscalização para comercializar produtos

a voltar porque precisa do dinheiro. A mesma dificuldade enfrenta Pedro Riquard, 55, desempregado há cinco anos, que vende flores na altura da Rua Garibaldi. Ele já

ficou sem trabalhar por problemas com a fiscalização, mas voltou porque não tinha outra fonte de renda. "O dinheiro que eu ganho mal dá para sobreviver, mas é a alternativa que tenho", se conforma Riquard.

Dividindo o mesmo espaço com pessoas que se tornaram ambulantes por não conseguir mais emprego formal devido à idade avançada, estão os mais jovens. Eles encontraram na informalidade um jeito mais fácil de trabalhar. É o caso de Joci Macedo, 15 anos, que há dois meses vende alças de silicone para sutiã. A Júlio também foi escolhida por Natan Cousseau Dei Svaldi, 20, quando chegou de Concórdia (SC), há três meses. "Eu já vendi de tudo: alças de silicone, desentupidor de fogão, ratinhos de brinquedo e, agora, chaveiros", conta. Da diversidade de seus produtos garante entre R\$ 15 e R\$ 20 por dia.



Valdomiro de Oliveira, 56, trabalha desde a adolescência no centro caxiense

Legalizados utilizam carrinhos

Nem todas as pessoas que utilizam a Júlio de Castilhos para vender produtos estão na ilegalidade. Os mais antigos – que trabalham em carrinhos – têm alvará da prefeitura e podem atuar sem qualquer problema com a fiscalização. O aposentado Hermes de Lemos, 62 anos, comercializa cachorro-quente na esquina com a Rua Marechal Floriano desde 1977. Quando começou, trabalhava como

metalúrgico até as 17h e, depois, ia para o ponto onde fica até hoje para incrementar a renda familiar. "Naquela época, dava dinheiro. Havia três pessoas vendendo cachorro-quente – ele e mais duas. Agora, tem uma em cada esquina", lembra.

Em outra esquina, da Avenida Júlio com a Rua Visconde de Pelotas, há 27 anos se estabeleceu Valdomiro de Oliveira, 56. Diferente de Lemos, ele trans-

formou a atividade de ambulante em profissão. Passou a comercializar doces aos 16 anos e, assim que pôde, comprou um carrinho. "Eu vendo cocada, pé-de-moleque, rapadura, algodão-doce, crepes e balões. Com isso, ajudo seis filhos e três netos", orgulha-se Oliveira, que escolheu essa atividade porque cursou somente até a 3ª série do Ensino Fundamental e não conseguiu colocação melhor no mercado.



Luiz da Cas tem 68 anos e há 25 vende algodão-doce ao longo da avenida

As repercussões

O que diz o Sindicato do Comércio Varejista de Caxias do Sul (Sindilojas):

O Sindilojas já reclamou várias vezes dos ambulantes. O presidente da entidade, Carlos Calcagnotto, conta que, no fim do ano passado, encaminhou um documento à prefeitura solicitando que esses vendedores fossem proibidos de trabalhar na Júlio de Castilhos. "Sabemos que os valores que eles movimentam são baixos, mas acabam atingindo os pequenos comerciantes que pagam impostos e têm gastos em funcionários", argumenta. Os lojistas temem que o Centro volte a ser tomado por camelôs. "O camelódromo foi financiado com ajuda do Sindilojas porque queríamos resolver um problema. Só que as dificuldades estão voltando, e nós queremos providências do Poder Público", cobra. Calcagnotto diz não querer prejudicar os ambulantes, mas entende que o município deve estimular a legalização e impedir que a informalidade tome conta da principal avenida da cidade.

O que diz a Secretaria do Desenvolvimento Urbano (SDU):

O titular da SDU, Paulo Freitas, argumenta que não há como tirar os ambulantes da Avenida Júlio de Castilhos porque o problema não é unicamente econômico. "O motivo que leva as pessoas para a informalidade é social. É o desemprego e a desigualdade de condições", justifica. Ele explica que, no fim do ano passado, a prefeitura conseguiu, durante um curto espaço de tempo, eliminar o comércio informal, porque os vendedores estavam vindo de Porto Alegre, em uma van, para comercializar na Júlio.

"Nós confiscamos temporariamente as mercadorias que eles traziam, e ameaçamos não devolver caso fossem flagrados novamente", relata. Freitas alega que a fiscalização é feita com frequência, mas os ambulantes se escondem e, depois, voltam a atuar. O secretário garante que a prefeitura tenta convencê-los de que seria melhor buscar a legalização, mas acrescenta que eles preferem permanecer na informalidade, onde garantem o sustento sem pagar tributos.

FOTOS EDSON COSTA/PIONEIRO